



A noção de *estilo* em história das doenças de Sigerist a Canguilhem

TIAGO SANTOS ALMEIDA*

Nos últimos anos, a obra de Georges Canguilhem conheceu um impressionante *revival* entre filósofos, médicos e historiadores. No Brasil, o livro mais conhecido de Canguilhem ainda é *O normal e o patológico*, traduzido pela primeira vez em 1978. Apenas em 2012 apareceram as primeiras traduções dos *Estudos de história e filosofia das ciências da vida* e de *O conhecimento da vida*, dois dos seus trabalhos mais importantes. Já conhecíamos em português, entretanto, a pequena coletânea intitulada *Escritos sobre a medicina*, enquanto *Ideologia e racionalidade na história das ciências da vida*, embora de acesso mais difícil, circula no Brasil através de uma antiga tradução das Edições 70, de Portugal. À primeira vista, falta apenas a tradução de *La formation du concept de réflexe* [*A formação do conceito de reflexo*]. À exceção do primeiro e do último, as duas teses de doutorado de Canguilhem (em medicina e filosofia, respectivamente), todos os outros livros são coletâneas de artigos e textos de conferências. Dentre estes, apenas *Escritos sobre a medicina* (póstumo) não foi organizado pelo próprio autor, mas, segundo o prefácio da edição francesa, se somarmos a esse livro os três artigos publicados nos *Estudos* sob a rubrica “Medicina”, teremos a totalidade dos textos de Canguilhem sobre o assunto. Dispomos em português, portanto, de uma boa parte daquilo que durante muito tempo entendemos por “obra” de Canguilhem.

Consideremos, no entanto, o que Raymond Aron escreveu em suas *Mémoires* a propósito do seu amigo de longa data: “Doutor em medicina, historiador do pensamento médico e biológico, Canguilhem trabalhou, ensinou, escreveu (todos os seus cursos eram

*

Doutorando no Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação da Profa. Sara Albieri, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Pesquisador do Grupo de Pesquisa em História Intelectual (USP) e do Laboratório ExeCO - Expérience et Connaissance (Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne). □ Essa comunicação apresenta resultados parciais do estágio de doutorado realizado na Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, sob a supervisão de Jean-François Braunstein, com o apoio financeiro da FAPESP.



redigidos) muito mais do que suas publicações sugerem” (ARON, 2010: 74) Declaração inquietante, mas que foi posta à prova e passou no teste. Os arquivos de Georges Canguilhem, com sua biblioteca pessoal, notas de curso e de conferências, os manuscritos da sua obra publicada, e mesmo a documentação relativa à sua atividade docente encontram-se disponíveis para os pesquisadores no CAPHÉS – *Centre d'Arcives en Philosophie, Histoire et Éditions des Sciences*, na *École Normale Supérieure* de Paris. A organização desse trabalho revelou um Canguilhem inédito, esquecido ou pouco conhecido, que já havia publicado dezenas de textos e mesmo livros antes daquele que, durante muito tempo, considerou-se como seu primeiro trabalho, o *Essai sur quelques problèmes concernant le normal et le pathologique*, publicado em 1943, quando seu autor já tinha 39 anos. Entre os documentos que se destacam, acreditamos que as notas dos cursos de Canguilhem são os que merecem maior atenção.

Durante décadas, os principais depoimentos de conjunto sobre o pensamento de Canguilhem vieram de seus alunos, que não cansavam de repetir a importância das suas aulas para a formação da cultura intelectual francesa entre o fim da Segunda Guerra e os anos que prepararam e sucederam Maio de 68. As notas dos cursos de Canguilhem, milhares de páginas, preservadas no CAPHÉS, ao contrário dos artigos e mesmo livros “perdidos”, não serão publicados na edição em curso das suas obras completas, pois Canguilhem e seus herdeiros autorizaram apenas a reedição do material que já havia sido publicado ou transmitido via rádio e TV. Essa limitação de acesso aos textos, no entanto, não diminuiu o ânimo dos pesquisadores, que recorrem ao CAPHÉS para entender o processo de formação do pensamento de Canguilhem, já que sua obra publicada, como o próprio Canguilhem várias vezes declarou, nada mais é que o produto do seu ofício de professor de história e filosofia das ciências.

O prefácio do livro *Ideologia e racionalidade na história das ciências da vida* (1977) começa de maneira pouco usual: “Errar é humano”, diz Canguilhem, “mas permanecer no erro é diabólico” (CANGUILHEM, 2000: 10). Em seguida, Canguilhem nos informa que o conceito de “ideologia científica”, que ele apresentará nas páginas seguintes, foi introduzido em seus cursos e conferências uma década antes, como uma



maneira de renovar certos axiomas metodológicos emprestados de Gaston Bachelard. Durante décadas, imaginamos que esse conceito era o mais tipicamente francês da obra de Canguilhem: tratava-se de renovar Bachelard, a partir do diálogo com Michel Foucault e Louis Althusser, como contribuição ao debate dos marxistas franceses sobre as relações entre ideologia e saber. No entanto, a leitura das anotações dos cursos em que Canguilhem afirma ter introduzido pela primeira vez aquela reflexão revela uma atenção aos historiadores da chamada Escola germano-americana de história da medicina, dentre os quais destacam-se Henry E. Sigerist, Erwin Ackerknecht, Owsey Temkin e Henry Shryock. Nesses autores, Canguilhem vai buscar não apenas exemplos para confirmação de suas teses, mas também novos problemas para a história da medicina, encarada em suas dimensões sociais.

Essa afirmação pode soar estranho para alguns historiadores contemporâneos, pois reconhecemos o papel inovador desempenhado pela obra de Michel Foucault, aluno de Canguilhem, para a elaboração de uma história social da medicina entre os anos 60 e 70. Mas é preciso conhecer também o contexto intelectual de recepção da obra de Foucault na França. Longe de ter sido alçado imediatamente à condição de clássico, o livro *O nascimento da clínica* foi desprezado durante muito tempo pelos historiadores franceses, formados, em sua maioria, na tradição de filologia histórica dominante desde Littré e, sobretudo, Daremberg. Para o historiador e filósofo da medicina Jean-François Braunstein, a escola médica de Paris, a medicina clínica, “abandonada pelos historiadores franceses da medicina, tinha sido até então estudada por autores anglo-saxões, como Erwin Ackerknecht, mais sensíveis, desde Sigerist, aos aspectos sociais da história da medicina” (BRAUNSTEIN, 2005: 387).

Graças aos documentos preservados no CAPHÉS, sabemos que no ano universitário 1966-67 Canguilhem utilizou a obra de Sigerist no curso sobre “A fisiologia de Harvey à Lavoisier” [*La physiologie de Harvey a Lavoisier*]. Na ocasião, Canguilhem expôs a interpretação de Sigerist a propósito da fisiologia moderna em seu momento fundador, os estudos de William Harvey sobre a circulação do sangue. A interpretação de Sigerist, hoje clássica, colocava em relação a história da medicina e a história intelectual,



pois, lançando mão da noção de *estilo*, emprestada da morfologia cultural de Oswald Spengler, propunha a existência de uma fisiologia e uma medicina barrocas Para Sigerist, o barroco não era apenas um estilo artístico, mas uma nova forma de relação do homem com a natureza e as coisas. A arte e a fisiologia seriam expressões dessa nova visão de mundo barroca, um olhar voltado para o futuro, para o movimento, para a finitude. Se os homens do século XVI, que privilegiavam o aspecto estático da natureza, haviam fundado a anatomia, os homens do século XVII viam menos os órgãos e mais seus movimentos, suas funções: era o momento de nascimento da *anatomia animata*, a fisiologia. Nesse mesmo curso, Canguilhem incluiu na bibliografia geral quatro livros de Sigerist: *Introduction à la Médecine*, *Grosse Arzte*, *On the sociology of medicine* e *On the history of medicine*¹.

Foi no ano universitário de 1967-68 que Canguilhem falou pela primeira vez sobre as ideologias científicas, no curso “História das teorias e das ideologias científicas modernas e contemporâneas” [*Histoire des théories et des idéologies scientifiques modernes et contemporaines*]. Mas foi somente no ano seguinte, durante o curso intitulado “A ideologia médica no século XIX” [*L'idéologie médicale au XIX siècle*], que Sigerist voltou a aparecer. Dessa vez, Canguilhem citou o livro *Civilization and disease*, o primeiro publicado por Sigerist após deixar a Alemanha em direção aos Estados Unidos, onde assumiu a direção do Instituto de História da Medicina da Universidade Johns Hopkins. Deste livro, publicado em 1943, Canguilhem destacou três problemas fundamentais: a ideia de que a civilização é um fator na gênese das doenças, ou seja, defendeu a existência de uma relação direta entre a vida social e as doenças (lepra, doenças venéreas, tuberculose, doenças mentais); a ideia de que a doença é um fator histórico de transformação social (o paludismo e a decadência da Grécia Antiga); e a ideia da correspondência entre o *estilo* de uma doença e o *estilo* de uma época.

É sobre a tese da correspondência entre os estilos das doenças e o da

1

Meus agradecimentos ao Prof. Camille Limoges, que me deu coordenadas precisas para essas informações no extenso arquivo de Georges Canguilhem, e também pela atenção que dedicou às minhas inquietações.



civilização que nos deteremos nessa comunicação. Canguilhem apresentou aos seus alunos alguns exemplos retirados do livro de Sigerist: na Idade Média, as doenças são coletivas (peste, lepra, nevroses coletivas); o Renascimento é a época das doenças individualistas (sífilis); o Barroco, a das doenças de superabundância (gota, hidropsia); o Romantismo é caracterizado pela tuberculose, enquanto as sociedades industriais, segundo Sigerist, marcam a época das nevroses - “Poderíamos acrescentar: afecções cardíacas: infarto”, escreveu Canguilhem. Na sequência da lição inaugural, no entanto, Canguilhem escreveu que “[Ernest] Wickersheimer chamou atenção para o fato de que Sigerist levou ao extremo e mesmo ao absurdo uma ideia exposta por Littré” (CANGUILHEM, 1968-1969: 77). Essa crítica, que foi discutida por Canguilhem no seu curso sobre a história das ideologias médicas, merece nossa atenção, pois ela é reveladora de alguns acontecimentos da história da história da medicina e das doenças.

A crítica de Wickersheimer aparece no artigo “Civilisation et maladie: d’après un article récent”, publicado em 1929 como separata do *Bulletin de la Société Française d’Histoire de la Médecine*. No interior da publicação encontrada no CAPHÉS, pouco acima do título, a dedicatória do seu autor: “A monsieur Canguilhem. Cordialement, Ernest Wickersheimer”. O texto de Wickersheimer, como anuncia seu subtítulo, foi escrito a propósito de outro artigo, intitulado “Kultur und Krankheit”, publicado por Sigerist alguns meses antes na revista *Kyklos*. Porém, enquanto Canguilhem exhibe uma grande admiração por Sigerist, o artigo “Civilisation et maladie” não faz uma apresentação generosa de “Kultur und Krankheit”.

“Ponto de partida: a doença é largamente influenciada pelas condições gerais da existência. Ideia muito justa, embora não muito nova”, diz Wickersheimer sobre o trabalho de Sigerist (WICKERSHEIMER, 1929: 31). A originalidade no estabelecimento das relações entre “a patologia de uma época” e “o gênero de vida que então levavam as diversas classes da sociedade”, segundo Wickersheimer, pertence a Émile Littré, que havia dedicado grande interesse e várias páginas à história das epidemias. Como prova dessa originalidade, Wickersheimer destaca o artigo “Des grandes épidémies”, publicado por Littré na *Revue des deux mondes* em 1836. Assim, atribuía a Sigerist apenas um



“curioso” esforço de “perseguir a ideia de Littré até as suas últimas consequências”, a saber, “uma sincronia necessária entre os fatos da história das doenças e os fatos da história geral”. Mas, para Wickersheimer, diferente de Littré, que havia comprovado com sucesso que a origem das doenças epidêmicas poderia ser investigada a partir “das mudanças enfrentadas pelas formas de vida dos homens” (WICKERSHEIMER, 1929: 32), Sigerist cometia um grave erro ao fazer coincidir, sem explicar as razões, o surgimento de certas doenças e alguns episódios decisivos da história geral: a peste bubônica (dita “peste de Justiniano”) e a peste negra com o começo e o fim da Idade Média, respectivamente; a sífilis com a origem do Renascimento; a doença inglesa do suor (*sudor anglicus*) com o fim da Guerra das Duas Rosas... Procedendo assim, ironizou Wickersheimer, apenas em torno da história da Inglaterra Sigerist já teria uma enormidade de temas a sugerir a seus alunos em Leipzig: bastava descobrir fatos patológicos que coincidissem com a Carta Magna (1215), a ruptura de Henrique VIII com Roma (1533) ou com a execução de Jaime I (1649). “Falando francamente, eu prefiro o bom e velho Plínio”, concluiu Wickersheimer, afinal, “se ele acreditou que um cometa pressagiou a Guerra Civil, pelo menos ele não pretendeu que o cometa causou a Guerra; e tampouco disse que foi a Guerra que engendrou o cometa” (WICKERSHEIMER, 1929: 33).

Apesar da interpretação fixada atualmente sobre Sigerist, com seus trabalhos de sociologia e história social da medicina e da saúde pública, a sugestão de continuidade entre as suas ideias e as de Littré era plausível no momento em Wickersheimer escrevia. Em 1930, ano seguinte à publicação do artigo de Wickersheimer, o Instituto de História da Medicina da Universidade de Leipzig, do qual Sigerist era o diretor, adquiriu através de leilão um manuscrito de Littré sobre Charles Daremberg. O manuscrito, datado de fevereiro de 1862, foi publicado no *Sudhoffs Archiv für Geschichte der Medizin* com uma breve apresentação de Sigerist, na qual podemos ler já nas primeiras linhas a seguinte avaliação: “A moderna história da medicina teve seu ponto de partida na França. Littré e Daremberg são seus porta-vozes” (SIGERIST, 1930: 382). A afirmação de Sigerist contradiz uma das opiniões correntes na França, segundo a qual a história profissional da



medicina teria surgido no começo do século XX na Alemanha, mais especificamente, em Leipzig.

Esta aparente discordância é uma questão para a história da história da medicina. Sigerist acreditava que o manuscrito de Littré é uma espécie de carta de recomendação para a primeira cadeira de história da medicina na França, criada em 1870, antes mesmo da criação da primeira cadeira de história geral das ciências. Com o apoio de Littré, Daremberg foi de fato eleito para a *Faculté de médecine* e, nas décadas seguintes, encorajou os historiadores a perseguirem uma história filológica e erudita, atenta à interpretação interna dos textos médicos. Essa perspectiva foi dominante na França por quase um século, pelo menos desde a publicação de *Histoire des sciences médicales*, em 1870, até o surgimento de *Naissance de la clinique*, de Michel Foucault, em 1963. Para Jean-François Braunstein, a “impressionante ausência de reação na França quando da publicação da obra de Foucault se explica, em parte, por sua estranheza para os historiadores franceses da medicina formados na tradição de Daremberg” (BRAUNSTEIN, 2005: 387). Assim, embora apareça, hoje, como a estrela da manhã da *nossa* moderna historiografia, em seus primeiros trabalhos na década de 20, Sigerist defendia que a história da medicina deveria se ater a um “estrito método filológico histórico”, como afirmou em um dos seus primeiros textos programáticos, “Aufgaben und Ziele der Medizingeschichte”, de 1922.

Publicado no final da década de 20, “Kultur und Krankheit” é um sinal do afastamento gradual de Sigerist da sombra paterna de Karl Sudhoff, medievalista a quem também pagava tributos pela sua abordagem filológica da história da medicina, e, ao mesmo tempo, um sinal da aproximação das ideias de Oswald Spengler e sua morfologia cultural. O texto de Sigerist, – cujo título Wickersheimer repete, “*Civilisation et maladie*” –, não é apenas um “artigo recente” publicado em uma revista qualquer. *Kyklos* era o anuário do Instituto de História da Medicina da Universidade de Leipzig, fundado por Karl Sudhoff em 1906, e dirigido por Sigerist desde 1925. O Instituto era subdividido em quatro departamentos: Medicina Geral, Farmacologia, História Cultural e Patologia. “Kultur und Krankheit”, na verdade, sequer era um artigo, o resultado de uma



investigação minuciosa sobre um problema específico, mas a descrição do programa de trabalho estabelecido por Sigerist para o Departamento de Patologia, que se dedicava ao estudo das relações entre as doenças e a cultura (KÄSTNER, 1997: 50). Em “Kultur und Krankheit”, Sigerist apenas ensaiava os primeiros movimentos de uma renovação na historiografia científica, abrindo a medicina tanto para a história social, quanto para a história das ideias. Ao relacionar doença e *civilização*, Sigerist pretendia, por um lado, demonstrar que certas doenças, especialmente as epidemias, influíam sobre as transformações políticas e econômicas das nações e, ao mesmo tempo, tinham consequências sobre a vida cultural dos povos.

O que Wickersheimer reprovava em Sigerist eram as aproximações consideradas improváveis, decorrentes de uma estranha abordagem que, em sua opinião, não passava de um esforço para “descobrir a qualquer custo concordâncias entre nosografia e história”. *A qualquer custo*, ali, quer dizer *sem explicação*, como no exemplo das duas pestes que marcam o início e o fim da Idade Média. “Dessa forma”, diz Wickersheimer, “com oito séculos de intervalo, o mesmo fenômeno teria produzido efeitos diametralmente opostos: a peste de Justiniano teria favorecido a eclosão de uma forma de civilização que a peste negra teria feito desaparecer” (WICKERSHEIMER, 1929: 32). De fato, é difícil rejeitar inteiramente a crítica de Wickersheimer.

O trabalho iniciado por Sigerist no Departamento de Patologia do Instituto de Leipzig foi aprofundado numa série de conferências pronunciada na Cornell University, em 1940, e apresentado de modo sistemático no livro *Civilization and disease*, utilizado por Canguilhem em pelo menos dois cursos na década de 60. Embora boa parte do livro tivesse sido escrito em Leipzig, uma década antes da sua publicação, Sigerist tentou avançar muitas das suas proposições, especialmente no que diz respeito às relações entre medicina, política e economia. Porém, ainda neste livro, aquele problema persistia. “O século VI marca uma virada na história do mundo Mediterrâneo, e a grande peste de Justiniano aparece como a linha de demarcação entre dois períodos”, afirmou Sigerist. Mas ele continua: “uma antiga civilização estava chegando ao fim: ainda viva em suas manifestações externas, ela havia perdido seu poder criativo – o porquê, nós não



sabemos, e podemos apenas especular” (SIGERIST, 1945: 14).

Mesmo inacabadas, as proposições de Sigerist acerca dos estilos das doenças abriram a possibilidade de um estudo da história das doenças em relação à história cultural, ou, nas palavras de Sigerist, à “vida intelectual da civilização”. Não se tratava apenas do aparecimento de uma doença enquanto fato patológico ligado à espécie humana, mas como um evento individual ou coletivo na civilização. Não apenas certas doenças, especialmente as epidemias, são capazes de provocar transformações políticas e econômicas, mas elas também causam impacto sobre a vida cultural dos povos. Essas transformações podem ocorrer tanto de acordo com os projetos políticos e econômicos de uma determinada sociedade, que, por exemplo, em determinado momento pode estimular o estudo teórico e o desenvolvimento de técnicas de intervenção sobre certas doenças reinantes que diminuem a força de trabalho, mas também pela mudança nas condições gerais de existência dos homens, que, vivendo mais isolados, podem, por exemplo, abrir espaço para doenças individualistas (sífilis, no Renascimento) que não encontravam ocasião quando a vida costumava ser ceifada prematuramente através de doenças coletivas (pestes na Idade Média).

Mas a noção de *estilo* é significativamente enriquecida quando encaramos as doenças não como eventos biológicos que se abatem sobre uma população ou um indivíduo e são descobertas pela medicina, mas como o produto de uma construção intelectual, o produto de um discurso científico que é atravessado por outros aspectos da vida cultural de determinada época. Em seu curso no Instituto de História das Ciências, Canguilhem explica, apoiado em Sigerist, que sendo a medicina uma prática da conservação da saúde, ela não pode ser puramente teórica: “a medicina não é contante no seu projeto (curar, prevenir), ela está em busca dos seus meios teóricos, e essa busca se dá em função de uma situação cambiante na história” (CANGUILHEM, 1968-1969: 77). De fato, já na sua tese de doutorado em medicina, *Ensaio sobre alguns problemas concernentes ao normal e o patológico*, publicada em 1943, Canguilhem recorria a Sigerist para explicar a emergência e o alcance no século XIX da tese sobre a identidade entre os fenômenos vitais normais e os fenômenos patológicos: “A medicina, disse



Sigerist, é cada vez mais estritamente ligada ao conjunto da cultura, todas as transformações nas concepções médicas sendo condicionadas pelas transformações nas ideias de uma época” (CANGUILHEM, 2013: 61). A tuberculose como doença característica dos poetas românticos talvez seja o mais conhecido dos acontecimentos que ligam a história das doenças e a história da vida cultural, mencionado praticamente em todos os manuais escolares de literatura.

Hoje, nossa avaliação sobre os últimos trabalhos de Sigerist produzidos no âmbito do Instituto de História da Medicina em Leipzig é forçosamente diferente da que fez Wickersheimer: dado o estado atual da historiografia científica, sabemos que Sigerist não estava simplesmente revelando sincronias entre fatos patológicos e fatos históricos, mas abrindo uma nova perspectiva, tentando inaugurar novas possibilidades e mesmo objetos de investigação para a história da medicina a partir de suas relações com a história social e a história intelectual. Foi essa nova perspectiva historiográfica que, de acordo com nossas investigações nos manuscritos preservados no CAPHÉS, atraiu a atenção de Georges Canguilhem para a chamada Escola germano-americana de história da medicina. Os desdobramentos da leitura que Canguilhem fez de Sigerist podem ser identificados em seus artigos e conferências a partir do final da década de 60, como pretendemos apresentar de forma mais detalhada na tese de doutorado atualmente em curso no Departamento de História da USP, sob o título *A historicização das ciências na obra de Georges Canguilhem*.

Referências bibliográficas:

ARON, Raymond. *Mémoires*. Paris: Robert Laffont, 2010.

BRAUNSTEIN, Jean-François. “Darembert et les débuts de l'histoire de la médecine en France”. *Revue d'histoire des sciences*, t. 8, nº 2, 2005 (julho-dezembro), pp. 367-387.

CANGUILHEM, Georges. *Idéologie et rationalité dans l'histoire des sciences de la vie*.



Paris: 2000, J. Vrin.

_____. *Le normal et le pathologique*. Paris: PUF, 2013.

_____. Notas de curso, *La physiologie de Harvey a Lavoisier (1966-1967)*.

Paris: Centre d'Arcives en Philosophie, Histoire et Éditions des Sciences.

_____. Notas de curso, *L'idéologie médicale au XIX siècle (1968-1969)*. Paris:

Centre d'Arcives en Philosophie, Histoire et Éditions des Sciences.

KÄSTNER, Ingrid. "The Leipzig Period, 1925-1932", pp. 42-62. IN: FEE, Elizabeth e BROWN, Theodore M. (ed.). *Making medical history: the life and times of Henry E. Sigerist*. The Johns Hopkins University Press: Baltimore/Londres, 1997.

SIGERIST, Henry. *Civilization and disease*. Ithaca, 1945: Cornell University Press.

WICKERSHEIMER, Ernest. "Civilisation et maladie: d'après un article récent". *Bulletin*